

Relato Crítico – CBD0247 – Introdução à Museologia

Nome: Catherine Aparecida Oliveira Maia / Número USP: 7611780 / Período Noturno

Ao meu ver, o que une os três filmes (*Underground*, *Arca Russa*, *Fausto*) e o museu é a questão bem marcada da construção de ideologias. No momento em que o museu, enquanto instituição detentora da responsabilidade de manutenção (e mais veladamente, de criação) do patrimônio cultural universal, seleciona, estrutura e expõe todo o arcabouço de um recorte histórico-cultural, toda a sua ação se transforma numa velada ação político e ideológica, dado que as pessoas são instruídas de maneira a assimilar e perpetuar esse patrimônio da maneira que ele é exposto.

Esse ímpeto de construção e perpetuação de ideologias pode ser visto também no tríptico cinematográfico, permeando toda a narrativa de diferentes maneiras: em *Underground* quando o personagem *Marko* se torna um ícone político-simbólico da luta comunista na Iugoslávia (pós segunda guerra mundial), há todo um trabalho artístico (criação de uma estátua para homenagem de seu amigo militante, a criação de um filme para perpetuar o rapto da personagem *Natalija* de maneira heroica), para a criação de uma história ideológica de maneira a fortalecer pela glorificação o governo instaurado. Em contrapartida, fica igualmente evidente o alcance do poder de uma ideologia (tendo em vista a sua capacidade de reger toda uma sociedade com a sua ideia), ao se pensar nos personagens que ficaram vinte anos refugiados no sótão da casa, moldando sua vida a partir de uma guerra que eles imaginavam ainda estar acontecendo e a maneira que eles encontravam de perpetuar ideologicamente essa guerra, com determinados tipos de cantos e momentos de reflexão.

Creio ser a *Arca Russa* a que mais está ligada com a questão museológica-ideológica. Não somente por se passar no Hermitage, mas por explicitar de maneira incisiva sobre essa questão da cultura/arte ter um papel decisivo na vida em sociedade, tendo em vista que é veículo de ideias. O Hermitage, tal qual a cidade de São Petersburgo foram planejados em moldes ocidentais. Pedro II, o imperador fundador da cidade desejava que esta fosse “uma janela para o ocidente” dentro da Europa oriental. Desde sua construção ao processo de povoamento, tudo se deu de forma artificial e forçada e uma doutrinação em massa foi feita para que o povo se ocidentalizasse e que a sua cultura local se tornasse periférica. O museu e outras instituições culturais serviram à esse

propósito eurocêntrico. Daí fica uma questão existencial muito interessante relativa aos museus. Essa escolha do que exaltar ou mesmo eternizar passa, como diria Pierre Bourdieu, pelo crivo de uma particularidade inerente à sociedade de sua época (e que creio caber muito bem aqui também) que funcionava com espaço(s) de dominação cujos mecanismos são dissimulados. Creio ser o museu um desses mecanismos de dominação e ele executa sua violência simbólica no momento em que se propõe a selecionar algo a ser literalmente cultivado, inevitavelmente agindo politicamente e afetando o público de maneira a direcionar suas reflexões e gostos.

Já agora em Fausto o campo filosófico e ideológico se apresenta de maneira mais densa, tendo em vista que toda hora dialoga com os paradoxos que formaram a base da cultura ocidental, entre eles, a antítese entre corpo e alma, a mitologia judaico-cristã, a formação de uma sociedade industrial, portanto moderna, e com ela, o nascimento da instituição museológica, pois o museu dentre outros fenômenos modernos, nasce da necessidade de se estabelecer diferenciações entre as nacionalidades e os países, emerge da necessidade uma criação mitológica para o Estado de cada região. E daí vem que um dos grandes papéis do museu é ser esse receptáculo da expressão artística, do fato histórico e da ideologia, de carregar como missão uma tentativa de unidade e identidade. (Talvez num primeiro momento se dedicasse a dar identidade somente à um determinado país e atualmente ela se dedique a utopia da identidade universal, dado que vivemos num contexto pós-moderno de globalização).

Ademais, creio ter ampliado mais significativamente a minha noção museológica com o livro “O amor pela Arte” (2003, EDUSP). Já constatava por experiência empírica de suas finalidades ideológicas, no entanto, o livro me abriu para a ideia do “ostracismo” cultural que existe tão fortemente na sociedade. E talvez por ser tão forte é que passa despercebido.

A questão utópica difundida entre os nossos meios de comunicação e cultura de que a arte em si já se basta para se fazer entendida (que esconde, é claro, os fatores sociais e econômicos do público) é algo que talvez, por eu ser um indivíduo do meu tempo, pós-moderno e mais significativamente pós-romântico, eu acreditasse em certa medida. Uma nova reflexão surgiu para mim de modo doloroso: talvez a maior violência simbólica cometida pelas instituições culturais seja a de que por fatores sócio-econômicos (logo, por um déficit educacional), não alcançar todas as pessoas e pra além disso, continuar com o mesmo discurso de universalidade e importância a ser reiterado pela sociedade.

Quem sabe, seja tão doloroso por transformar o museu em algo cem por cento ideológico e muito pouco palpável como registro de uma autêntica expressão artística. As obras são escolhidas a depender do público hegemônico, do *status quo* de uma sociedade neoliberal, numa espécie de cadeia alimentar: há os que são mais ricos, os menos ricos e os pobres. E a depender de seu poder econômico, através da educação dada pela instituição escolar, ele terá acesso a uma arte estritamente escolhida (que talvez não condiga com a cultura local, tal o caso do Hermitage) e saberá apreciá-la. Aos que não tiveram essa oportunidade socialmente definida resta se submeter aos parâmetros sociais-culturais estabelecidos, enquanto em sua vida periférica ou “*underground*” eles tentem manter uma ideologia à sua maneira, criando expressões artísticas que pouco interessam às instituições governamentais, tal qual o relato sobre a infestação de ratos na cidade de Nova Iorque, feito por Douglas Crimp no livro “Sobre as Ruínas do Museu” (2005, Martins Fontes).

Em suma, deste relato crítico consigo constatar que muito embora a arte seja algo louvável e o museu seja uma ferramenta útil para que ela se dissemine e transmita a sua beleza e reflexão, existe muita coisa nas entrelinhas dessa instituição, e queira ou não queira, a arte, de algum modo sempre expressa seu tempo, o contexto social-histórico do homem e o quão é intrincado trabalhar com algo que tem esse poder de condensação histórica e grande responsabilidade (ainda que indireta) sobre essa sociedade/sistema à medida que o museu garante a permanência das ideias que mantem essa sociedade seguramente viva.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre & DARBEL, Alain. *O Amor pela Arte*, São Paulo, EDUSP e Ed. Zouk, 2003.

CRIMP, Douglas. *Sobre as Ruínas do Museu*, São Paulo, Martins Fontes, 2005.